

A PESQUISA INTERINSTITUCIONAL: UM HORIZONTE DE POSSIBILIDADES FORMATIVAS

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. – UnB – ipaveiga@terra.com.br

GT: Didática / n.04

Agência Financiadora: CNPq

Introdução

Muito deste texto, constitui um arranjo de idéias baseadas em vários autores e de vivências calcadas em grupos coletivos de pesquisa interinstitucional. Minha primeira experiência de investigação em parceria envolvendo várias universidades foi no momento em que participei do projeto “*Inovação como fator de revitalização do ensinar e do aprender na Universidade*”. Essa pesquisa, desenvolvida em quatro Universidades mostrou que o próprio fato de construir a parceria constitui um horizonte de inovação. Isso permitiu compreender que a investigação interinstitucional busca além de produzir conhecimento coletivamente procura construir uma outra possibilidade do trabalho de pesquisa em grupo distante da lógica dominante e que pressupõe ir além da racionalidade cognitivo-instrumental, sobrepondo-lhes outras racionalidades, como cognitivo-afetiva e a estético-expressiva (SANTOS, 1989, 1994).

A segunda experiência foi uma pesquisa sobre a formação de profissionais de educação intitulada “*Licenciatura em Pedagogia: realidades, incertezas, utopias*”. Essa investigação foi também desenvolvida em quatro universidades federais localizadas em estados distintos. Para enfrentar tal processo investigativo, foi necessário formar grupos interinstitucionais. Embora de lugares e projetos de cursos diferentes, todos trabalharam juntos. O estudo evidenciou que as reflexões e debates foram bastante ricas e propositivas. Houve uma aprendizagem compartilhada tanto em relação à produção de conhecimento quanto ao desenvolvimento profissional do grupo de pesquisadores interinstitucionais.

A terceira experiência de pesquisa em parceria girou em torno de um tema maior de interesse do grupo com um único problema, ou seja, a construção ético-profissional da docência. A constituição de um grupo de pesquisa sobre esse tema, com pesquisadores de três instituições universitárias muito contribuiu para ampliar a compreensão de pesquisa interinstitucional em parceria.

A quarta experiência é com o projeto “*Docência universitária e desenvolvimento profissional*” uma parceria entre duas universidades federais. Esta pesquisa, em

andamento, objetiva compreender o desenvolvimento profissional dos docentes universitários, visando desvelar significados e sentidos que compõem seus saberes e suas práticas educativas. Seus resultados parciais têm proporcionado uma visão mais abrangente da temática e a compreensão de que o conhecimento é uma produção gradativa de um coletivo pensante, como enfatiza Lévy (1999).

Uma quinta experiência iniciada em 2004 está ligada ao projeto interinstitucional denominado “*A Didática e a formação de professores para a educação básica e superior*” congregando pesquisadores de duas universidades públicas com o objetivo de configurar a educação superior como importante campo de produção do conhecimento sobre formação de professores.

A pesquisa em educação, especialmente a pesquisa interinstitucional, é uma proposta metodológica em construção e, possivelmente, continuará assim. O principal motivo que me levou a perseguir o objetivo de discutir e clarear algumas questões referentes à pesquisa interinstitucional foi a preocupação que vem incomodando investigadores e professores que decidiram desenvolver projetos em parcerias envolvendo duas ou mais instituições universitárias. Neste texto, procuro realizar, inicialmente, um mapeamento do significado e características fundamentais e modalidades da pesquisa interinstitucional. Em seguida, identifico algumas lições aprendidas ao longo dos processos investigativos vivenciados, apresentando seus limites e possibilidades inovadoras para a formação de professores-investigadores.

1. O significado de pesquisa interinstitucional

Etimologicamente pesquisa é o ato de pesquisar que significa “*investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer de conhecimento*”. (FERREIRA, 1999, p. 1556). Investigar com o fim de descobrir fatos ou princípios relativos a um campo do conhecimento. Houaiss (1993, p. 646) afirma “*pesquisa é o conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico literário, artístico, etc. É a investigação ou indagação minuciosa, é o exame de laboratório*”.

A pesquisa interinstitucional implica reciprocidade, pois se realiza entre instituições universitárias. O prefixo *inter* evidencia uma posição intermediária e recíproca. Assim, a pesquisa interinstitucional envolve o trabalho em grupo, a parceria, a colaboração. É um processo coletivo de colaboração entre grupos. O trabalho investigativo é coletivo, e isto, significa ação conjunta de investigação, de indagação pormenorizada.

Pesquisa interinstitucional no seu sentido etimológico, significa inventar, romper, conviver com a reciprocidade, com o coletivo, incorporados numa mesma dimensão de trabalho.

Por outro lado, a expressão pesquisa interinstitucional é utilizada num sentido formal, para se referir a uma categoria de investigação orientada pelos órgãos de financiamento como é o caso do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Nesse sentido, os grupos de pesquisa são constituídos para a produção do conhecimento em parceria.

Os grupos de pesquisa interinstitucionais, dependendo de seus interesses, se identificam pela possibilidade de compartilhar problemas, experiências e objetivos comuns. A pesquisa interinstitucional, entre professores-pesquisadores e alunos de diferentes instituições de educação superior, tem surgido como resposta às transformações sociais, políticas, culturais e tecnológicas que colocam em discussão as formas conservadoras e individualistas de produção de conhecimento e desenvolvimento profissional de professores.

Oliveira (1986) enfatiza que a pesquisa em grupo no âmbito universitário pode ser reunida em três tipos:

- a) no primeiro – agregação – as pesquisas e os temas não têm interdependência, *“qualquer semelhança, não passa de mera coincidência”*. (p. 67). Esse tipo de organização visa atender aos órgãos de fomento e financiamento de pesquisa;
- b) no segundo – linhas de pesquisa – são próprias da estrutura curricular dos Programas de Pós-Graduação em Educação e constituída foco de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para Oliveira *“só muito raramente as linhas de pesquisa correspondem a uma real interação intelectual entre os membros de um mesmo departamento”*. (p. 67);
- c) no terceiro – atividades interdisciplinares – nessa forma de integração, os interesses estão aglutinados em torno de uma questão norteadora ou de uma metodologia, e estes propiciariam a integração entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento.

A construção da pesquisa em parceria na perspectiva da integração *“(...) não se resume a um mesmo tempo, espaço e território. Ela se dá em diferentes espaços interinstitucionais com pesquisadores de distintas qualificações”*. (LEITE, et alii, 1999, p. 48)

Os pesquisadores interinstitucionais não são meros auxiliares ou coletadores de informações e materiais diversos, mas são sujeitos que não apenas desenvolvem profissionalmente, mas também, constroem conhecimentos, realizam trocas de experiências. Gonçalves Rey afirma com muita convicção que

(...) O pesquisador e suas relações com o sujeito pesquisado são os principais protagonistas da pesquisa, e os instrumentos deixam o lugar de protagonistas. De sua parte, o pesquisado, adquire um papel essencial, no entanto não representa uma entidade objetiva, homogeneizada pelo tipo de resposta que deve dar, mas é reconhecido em sua singularidade como responsável pela qualidade de sua expressão, relacionada com a qualidade de seu vínculo com o pesquisador. (2002, p. 57)

Nesse sentido, o grupo de pesquisa interinstitucional não é uma simples justaposição dos sujeitos, mas representa a síntese das interlocuções entre os pesquisadores e os sujeitos pesquisados. A esse respeito Demo (1996) afirma, com muita propriedade, que trabalhar em equipe é

(...) um reclamo cada vez mais insistente dos tempos modernos, por várias razões muito convincentes. De uma parte trata-se de superar a especialização excessiva, que sabe muito de quase nada, portanto não faz juz à complexidade da realidade, seus problemas e desafios, de modo matricial, globalizado, multidisciplinar. De outro, o trabalho de equipe, além de ressaltar o repto da competência formal, coloca a necessidade de exercitar a cidadania coletiva e organizada, à medida que se torna crucial argumentar na direção dos consensos possíveis. (p. 18)

Isso desmistifica a pesquisa como uma ação invariavelmente complexa e solitária, destinada a alguns iluminadamente privilegiados. O trabalho investigativo em grupo, parceria e interinstitucional deve abrir espaço para a ação solidária. É na relação com o *outro* como sujeito que o indivíduo “(...) *deixa de ser um elemento de funcionamento do sistema social e se torna criador de si mesmo e produtor da sociedade*”. (TOURAINÉ, 1999, p. 240). Se de um lado, é preciso aprender a ver o outro como sujeito, por outro, é preciso aprender a ouvi-lo pois como afirma Freire (1998) “(...) *somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele*”. (p. 127) (Grifo do autor) Ouvir atentamente a expressão dos sentimentos profundos, numa atitude de aceitação, dando atenção às diferentes vozes. A postura de ser ouvido é o que permite ao outro se expressar com o outro abrindo o espaço que facilita o falar. Por isso é que Freire acrescenta “(...) *quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de*

*desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, **responda***". (Ibidem, p. 132) (Grifo do autor)

A busca do entendimento comum tem relação com a construção do sentimento de pertença e de compromisso compartilhados com o projeto de investigação e o trabalho do grupo. Há parceria, quando todos trabalham conjuntamente e se apóiam mutuamente, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo do grupo. Há vontade de querer trabalhar junto com os outros pesquisadores e de outras instituições como grupo social, de desejar fazer parte de um determinado grupo, sem imposição ou cooptação. Implica a articulação de diferentes níveis e modalidades de atuação. Há necessidade de criar espaços que estimulem e propiciem diferentes ações, que se articulam em torno de objetivos comuns.

A finalidade de um projeto interinstitucional, deve resultar do entendimento mútuo de todos os pesquisadores. Assim, todo o processo investigativo – definição e delimitação do problema, construção do referencial teórico – metodológico, bem como a coleta, análise e interpretação dos dados – deve ser decidido e assumido coletivamente pelos pesquisadores. Vale ressaltar, que também a redação e autoria do relatório final sejam compartilhados. Todos assumem a responsabilidade de cumprir e fazer cumprir os acertos grupais, tendo em vista seus objetivos comuns, a concepção do projeto de estudo, os acordos com relação ao cronograma de atividades e a responsabilidade de cada pesquisador para o desenvolvimento interinstitucional da pesquisa. Esse tipo de pesquisa que se apóia na participação e na colaboração no sentido de trabalhar conjuntamente a partir de objetivos comuns *“há de ter um sentido para os participantes, sem o qual é pouco provável que se produza o tipo de informação de que necessitamos”*. (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 59)

A pesquisa interinstitucional em parceria opõe-se à concepção de que o coletivo resulta do consenso. Aponta para a compreensão e o enfrentamento das contradições internas e externas ao processo investigativo como forma de aprofundamento e superação dos conflitos e tensões. Portanto, implica relação contratual, isto é, um acatamento do projeto por todos os envolvidos.

Se converte, portanto, em espaço aberto ao diálogo e interações entre os pesquisadores e os sujeitos pesquisados das diferentes instituições educativas. Em síntese, não posso deixar de concordar com Luna (2003) ao afirmar que pesquisar é produzir conhecimento novo, relevante teórico e/ou socialmente, que deve ser referendado pela comunidade de pares pelo pesquisador.

2. Características fundamentais e modalidades da pesquisa interinstitucional

Apresentei, no item anterior, os significados de pesquisa sob os pontos de vista etimológico e formal. Nesse item, procuro destacar as características fundamentais e as modalidades da pesquisa interinstitucional.

A primeira dessas características diz respeito ao trabalho coletivo calcado no caráter integrador da ação investigativa. A aproximação do grupo de pesquisa se dá pela temática de interesse comum o que possibilita a investigação em uma perspectiva de construção coletiva. Essa possibilidade de interação entre os pesquisadores do grupo, fomenta, de maneira geral, respostas mais ricas, inovadoras contribuindo para a produção do conhecimento. Refletir, coletivamente, uma temática que faz parte das preocupações da vida acadêmica é o eixo norteador e integrador do processo investigativo.

A segunda característica está alicerçada no enunciado de que “*o comum se constrói pelas diferenças*” (LEITE, et al, 1999, p. 49). A pesquisa interinstitucional envolve uma parceria com diferentes grupos de pesquisa, de diferentes instituições de educação superior, em diferentes localidades e diferentes esferas administrativas. Para os autores, a aproximação dos diferentes se dá num processo de atração e repulsão.

O que aproxima e atrai diferentes grupos de pesquisa, de diferentes instituições, são as deficiências, necessidades, inquietações, descontentamentos, entre outros, que têm em comum a ponto de agrupá-los numa perspectiva coletiva. A repulsão se dá pelo (...) *sentimento comum contra o egoísmo da propriedade intelectual que se desdobra nas individualidades que tentam se sobrepor às outras e contra a luta concorrencial dentro do campo científico, e também no campo burocrático, especialmente no acesso aos recursos.* (ibidem, p. 47)

A terceira característica diz respeito aos sujeitos durante a pesquisa: os pesquisadores e os pesquisados. Como afirma Gonzáles Rey: *Só a presença do pesquisador na situação interativa que toda pesquisa implica representar um elemento no sentido que afeta de múltiplas formas o envolvimento do sujeito pesquisado com a pesquisa* (2002, p. 55) (Grifos meus)

Essa afirmação do autor deixa claro que a construção do sujeito é um processo complexo e implica atuação ativa e dialógica por parte do pesquisador e o pesquisado é “*reconhecido pela sua singularidade como responsável pela qualidade de sua expressão relacionada com a qualidade de seu vínculo com o pesquisador*”. (Ibidem, p. 57). Isso fortalece o papel do pesquisador e dos pesquisados como sujeitos participantes,

não só na situação interativa, mas também na produção teórica. Portanto, os pesquisadores e suas relações com os sujeitos pesquisados são os principais protagonistas do processo investigativo.

A quarta característica está fundada na idéia de rede que se constrói ao longo do processo investigativo, buscando fortalecer o princípio da coerência entre questões norteadoras, objetivos, procedimentos metodológicos e concepção de conhecimento. O êxito ou o fracasso, o sucesso ou as fragilidades das atividades do grupo, dependem, em grande parte, de como enfrentam juntos os conflitos, as tensões e as contradições da prática investigativa. Para tanto, há necessidade de sistematizações periódicas por meio de reuniões técnicas e de estudos, tendo como referência as experiências já realizadas e levando em consideração os âmbitos epistemológicos e metodológicos.

Julgo necessário apresentar duas modalidades de pesquisa interinstitucional para compreender a complexidade da pesquisa em parceria.

A primeira modalidade o foco e o *design* da pesquisa giram em torno de um tema maior de interesse dos grupos. Dessa forma, há uma área de interesse comum, uma questão norteadora que irá orientar o desenrolar de todo o processo. A questão norteadora e sua problematização é o ponto crucial, do qual depende o bom andamento da pesquisa. Nessa perspectiva, todo o processo de pesquisa – definição e delimitação do problema, escolha da metodológica, coleta, análise e interpretação de dados, bem como a construção da base teórica – é decidido e assumido coletivamente pelos pesquisadores.

A elaboração do relatório final é também compartilhada dando origem a um documento único. As quatro últimas experiências vividas e citadas na introdução desse texto são exemplos dessa primeira modalidade que parte de um projeto construído e assumido coletivamente e desenvolvido, simultaneamente, em cada instituição. Isso implica trocas de experiência, encontros técnicos para estudos e encaminhamentos.

A segunda modalidade refere-se ao pesquisar em grupos com uma temática central, geralmente, um tema maior de interesse dos seus membros, mas com projetos com focos distintos. O importante de se destacar é que, apesar de projetos diferentes, essas pesquisas se relacionam com o tema maior, podem ter pontos comuns como a revisão de literatura, procedimentos e instrumentos metodológicos. É preciso que haja consonância entre a concepção de educação e de pesquisa que esteja coerente com a de conhecimento e a de metodologia. A primeira pesquisa interinstitucional, citada anteriormente, a temática era a mesma porém, cada instituição envolvida estudou casos

inovadores diversificados utilizando o mesmo referencial teórico baseado em Boaventura Sousa Santos. O produto final deu origem a quatro relatórios de pesquisa sobre inovações no ensinar e aprender na universidade. Apesar das distâncias territoriais (Porto Alegre, Pelotas, Brasília e Buenos Aires) os quatro grupos de investigação realizaram vários encontros para discussão de resultados parciais, aprofundamento teórico, troca de experiências e tomada de decisões relativas aos encaminhamentos teórico-metodológicos e técnicos.

3. O que ficou de tudo isso?

Dentre as lições aprendidas nestas experiências com pesquisas interinstitucionais ressalto alguns pontos facilitadores e outros dificultadores. Foi possível compreender a importância de saber conviver em grupos mas também foi possível aprender a ser tolerante e paciente diante das dificuldades.

Apresento, a seguir, a síntese provisória sobre a rica experiência de pesquisar em parceria elencando, primeiramente, os pontos facilitadores:

- a participação é livre e os envolvidos procuram o seu desenvolvimento profissional. E nesse processo de constante busca de liberdade do ser humano junto com os outros na perspectiva de singularidade que se realiza a construção coletiva;
- a confiança, o respeito mútuo, a reciprocidade afetiva, a solidariedade são necessários para a concretização da parceria e do compartilhamento. Isto significa que a dimensão afetiva está ligada à dimensão cognitiva do processo investigativo;
- todos os participantes da pesquisa experientes e iniciantes (alunos de iniciação científica, mestrados, doutores, docentes novatos) passam pelo processo de apoio recíproco unindo esforços em torno de um projeto comum;
- a abertura às inovações permite aceitar os novos caminhos investigativos com confiança;
- todos os participantes da pesquisa são protagonistas e não são meros auxiliares. São protagonistas que ensinam os outros, que aprendem e produzem conhecimentos. Há articulação entre o individual e o coletivo, o que implica a valorização das diferenças como constitutivo do processo de construção de parceria e do coletivo;
- os protagonistas compartilham objetivos comuns, assumem responsabilidades, comprometem-se com as tarefas acadêmicas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa em suas instituições. O poder é também compartilhado. A tomada de decisões é orientada pelas indagações centrais de como e para que se decide;

- a comunicação entre os grupo interinstitucionais é planejada e realizada por meio dos encontros e reuniões técnicas presenciais e por meios eletrônicos para troca de materiais escritos produzidos tais como: textos do referencial teórico, artigos elaborados para apresentação em eventos científicos nacionais e internacionais, instrumentos de coleta de dados, cronogramas de eventos, síntese das atividades desenvolvidas, encaminhamento de propostas, mensagens de confraternizações, entre outros. Isso implica a necessidade de transparência nas relações e na circulação da produção científica para todos os que estão participando do processo investigativo.

Se de um lado as experiências vividas deixam transparecer pontos facilitadores de pesquisa, por outro, têm mostrado que o processo além de complexo, é permeado por fragilidades que podem ser agrupados nos seguintes itens, a seguir:

- presença de conflitos e tensões decorrentes das relações de poder entre os grupo interinstitucionais e dos participantes entre si;
- não cumprimento das tarefas acadêmicas dentro dos prazos individuais e coletivos, previamente negociados, ocasionando atrasos na entrega dos produtos e muitas vezes sobrecarregando outros pesquisadores que assumem as tarefas que deveriam ser realizadas por outros participantes;
- falta de compromisso com a revisão de literatura tendo em vista a não participação das reuniões técnicas e de estudos, provocando limitações teórico-metodológicas;
- falta do entendimento do que é realmente uma pesquisa em parceria e interinstitucional;
- desconfiança, por parte de alguns, gerando incompreensões afetando as relações interpessoais dos grupos;
- não priorização da pesquisa como atividade acadêmica acarretando a falta de tempo para dedicação ao projeto de investigação;
- o pesquisador que sabe ouvir mas não fala, é apático, não contribui para o aprofundamento das discussões. Deixa transparecer um “ar desinteressado”, “desligado” e nos momentos de tensões e conflitos apela pelo lado emocional, da conciliação. Sua contribuição não se dá pela dimensão formativa. Esta fica para depois nas suas reflexões individuais. No grupo é solitário. Essa é uma forma invisível de fortalecer as relações de poder;
- por outro lado, temos o pesquisador que não escuta, não sabe ouvir. Domina o grupo pela fala. Freire chama atenção ao dizer que “ [...] não é falando aos outros de cima

*para baixo, sobretudo, como se fôssemos portadores de verdade a ser transmitida aos demais que aprendemos a **escutar***". (1999, p. 127) (Grifo do autor).

Além dessas fragilidades os pesquisadores enfrentam muitos desafios. Um dos principais desafios da pesquisa interinstitucional é o estabelecimento dos vínculos entre os pesquisadores das diferentes universidades.

É importante deixar claro que sem a conquista da relação de parceria e o compromisso ético dos pesquisadores não é possível desenvolver a pesquisa interinstitucional. O que é preciso, fundamentalmente mesmo, é que o grupo de pesquisa necessita ser flexível, estar permanentemente aberto e preparado para rever acordos, acertos e encaminhamentos decididos coletivamente.

Um outro desafio crucial no desenvolvimento de projeto de pesquisa de cunho interinstitucional é a constituição dos grupos de trabalho. Vale salientar quatro pontos básicos para constituição do grupo:

- identificação com os integrantes do grupo envolvendo interesses comuns, elos afetivos e profissionais;
- vontade de querer trabalhar junto e em conexão com as linhas de pesquisa;
- possibilidade de compartilhar problemas, experiências e objetivos comuns;
- interesse em realizar o desenvolvimento profissional de forma voluntária.

São muitos os desafios que surgem à medida que enveredamos o processo investigativo com a intenção de inová-lo. Uma das características desses desafios apontada por González Rey “[...] *é a maneira como eles implicam de forma simultânea a reflexão teórica, epistemológica e metodológica*”. (2002, p. 181) E para enfrentar esse desafio torna-se imprescindível apostar na capacidade de refletir e agir dos investigadores interinstitucionais. Nessa perspectiva, a relação entre a pesquisa e a ação docente não é uma relação entre uma teoria e uma prática, mas uma relação entre protagonistas: docentes-investigadores e alunos iniciantes na atividade de pesquisa.

Referências

- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GONZÁLES REY, F. L. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

HOUAISS, K. *Enciclopédia e Dicionário*. Rio de Janeiro: Edições Delta, 1993.

LEITE, D. et al. *Inovação na universidade: a pesquisa em parceria*. IN: Interface: comunicação, saúde, educação. Bocatatu, Fundação UNI, v. 3, n. 4, 1999.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Tradução: Luiz Paulo Rouanet, 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

OLIVEIRA, J. B. A. *Organização da universidade para a pesquisa*. IN: SCHWARTZMAN, MOURA e CASTRO, C. (orgs.) *Pesquisa universitária em questão*. São Paulo: Ícone, 1986.

SANTOS, B. S. *Introdução a uma ciência pos-moderna*. Rio de Janeiro, Graal, 1989.

SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Aforramento, 1994.

TOURAINE, A. *Crítica à modernidade*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.